

CAPÍTULO 17

SEXUALIDADE E IDENTIDADE DE GÊNERO DE PESSOAS IDOSAS

LETÍCIA LANZ DE SOUZA

DOI: doi.org/10.24328/2021/92908.00/17

Falar de sexualidade não é falar de moralidade, embora, para a maioria das pessoas, as duas coisas sejam uma mesma e única coisa. Sexualidade diz respeito à organização física e afetiva de cada indivíduo em torno do seu sexo de nascimento, da sua identidade de gênero e da sua orientação sexual. Moralidade diz respeito às normas de conduta impostas aos indivíduos na sua conduta do dia a dia. Na maior parte do tempo, a sexualidade humana entra em choque com a moralidade sociocultural imposta aos indivíduos.

Sexualidade não tem idade e, infelizmente, moralidade também. Na verdade, a moralidade tende a ser ainda mais restritiva e castradora à medida que as pessoas envelhecem.

Questões relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero de pessoas idosas continuam sendo tratadas com muito conservadorismo, preconceito, discriminação e até desrespeito, especialmente quando as pessoas em questão são LGBTI+. São tantos os bloqueios e interdições estabelecidos pela sociedade para a vivência plena da sexualidade, a partir de uma certa idade, que é como se tais aspectos – e seus questionamentos – desaparecessem por completo da vida das pessoas LGBTI+ que envelhecem.

Pessoas LGBTI+ idosas que, sem inibição, manifestam interesse na atividade sexual são vistas com um misto de suspeição e descrédito, como se estivessem “furando” um bloqueio de idade, preestabelecido pela natureza, a partir do qual os indivíduos, especialmente os indivíduos LGBTI+, devem necessariamente deixar de se interessar por sexo. Esse preconceito etário vigora não apenas na sociedade em geral, onde corresponde a uma das múltiplas faces do etarismo¹, mas, sobretudo, dentro da própria comunidade LGBTI+.

As barreiras e interdições que impedem pessoas idosas de viverem sua sexualidade são, antes de tudo, limitações estabelecidas pela sociedade. Não fazem parte do repertório da natureza, nem

¹ Veja o capítulo 5: “Etarismos e a diversidade sexual e de gênero”

estão escritas no código genético das pessoas. A sociedade, aliás, sempre foi a grande responsável por todas as normas que regem o sexo, o gênero e a orientação sexual das pessoas, ao pregar que se trata de inexoráveis determinismos da natureza.

Assim como a identidade de gênero transcende o binômio homem-mulher, também a orientação sexual das pessoas se manifesta de variadas formas. A atividade sexual, por exemplo, está longe de se resumir a penetração e gozo, eventos aos quais parece estar irremediavelmente associada graças à força de convencimento, adestramento e dissuasão da sociedade patriarcal, dominada pela visão e pelos desejos e fantasias do homem heterossexual e cisgênero, e que solenemente despreza a visão, os desejos e as fantasias de qualquer outra forma de experimentação.

Da mesma forma, é perfeitamente possível – além de viável – que, mesmo com sessenta anos ou mais, a pessoa passe a se identificar com outra identidade de gênero, uma vez que o gênero é fluido e pode mudar, sim, ao longo da existência de cada indivíduo. Ou seja, nem gênero diz respeito a ser homem e mulher em função exclusivamente do órgão sexual de cada pessoa, nem atividade sexual se restringe a penetração e gozo.

Numa época em que falar de sexo voltou a ser tabu e que falar de gênero é quase um atentado à onda de conservadorismo retrógrado que invadiu a praia da humanidade, é fundamental que as pessoas idosas compreendam gênero e orientação sexual da maneira mais ampla possível, como parte fundamental do processo humano de estar no mundo, de se expressar como indivíduo e de dar e receber afetos.

Devemos rejeitar a crença, ainda comum, de que as mudanças físicas e psíquicas próprias do processo de envelhecimento reduzem ou até mesmo impedem as possibilidades de manifestação da sexualidade e da identidade de gênero. Tudo depende de como a pessoa idosa percebe e as manifesta, ao buscar modos mais espontâneos e menos ortodoxos de satisfação e prazer.

Para exemplificar a forma ortodoxa que as pessoas tendem a encarar questões relacionadas à identidade de gênero e orientação sexual, relato aqui a história de uma conhecida travesti de minha cidade, a qual atuou toda a vida como acompanhante de alto nível, mas que em determinado momento de seu envelhecimento resolveu suspender as atividades e retornar à cidade natal para viver com a mãe, retomando, inclusive, sua antiga identidade masculina e seu culto religioso.

Com isso, esperava “penitenciar-se” da vida que tinha levado até então, de maneira que pudesse obter o perdão de Deus e da família pela sua “transgressão” de gênero. Não consegui saber se ela concretizou ou não seu projeto de voltar a viver como homem. Entretanto, essa narrativa me chocou, por mostrar como a livre manifestação da identidade de gênero é encarada de maneira tão restritiva pela própria comunidade LGBTI+, quando se trata de pessoas idosas.

Essa não foi a primeira vez que ouvi uma pessoa LGBTI+ declarar, paradoxalmente, seu repúdio à orientação sexual e/ou à identidade de gênero que carregou vida afora. Eu já conhecia narrativas de gays que se tornaram monges na velhice, fazendo votos de obediência, pobreza e castidade, como forma de “expição” das suas vidas, por eles mesmos consideradas como “devassas”.

O que chama atenção nessas narrativas é exatamente o fato de pessoas LGBTI+ capitularem, na velhice, aos discursos de transgressão, anormalidade e pecado que ouviram ao longo de toda a sua jornada, e aos quais resistiram, em nome de ter uma existência confortável, digna e feliz.

O que existe no Brasil em termos de repúdio, marginalização e exclusão da população LGBTI+ não está mais atrelado nem à lei, nem à medicina, mas aos costumes opressivos e retrógrados de uma sociedade tradicionalmente dominada por patriarcalismo e machismo exacerbados, que faz questão de não reconhecer a legitimidade de qualquer expressão de sexualidade e de identidade

de gênero fora da heterossexualidade e da cisgeneridade, isto é, do estrito binarismo de gênero homem-mulher, baseado no órgão genital de nascimento.

Uma vida plena é aquela que possibilita à pessoa expressar livremente, sem bloqueios ou culpa, todas as dimensões de seu ser e de sua sexualidade. Porém, a sociedade continua a negar às pessoas mais velhas as mesmas oportunidades que os jovens têm de se expressar nessas áreas.

Se colocar pessoas idosas num processo forçado de abandono, esquecimento e invisibilização já é um procedimento consagrado pela sociedade contemporânea, movida pelo ideal neoliberal da juventude eterna, isso se torna uma realidade ainda mais contundente no caso de pessoas idosas LGBTI+.

O preconceito e o repúdio existentes contra pessoas LGBTI+ jovens atinge graus ainda mais elevados na situação das velhices LGBTI+, sobre as quais recai invariavelmente pesadíssimo julgamento moral. Nos ouvidos da sociedade, a expressão “velho viado” é muito mais pejorativa e degradante do que a expressão “jovem viado”. Além disso, um homem que sai do armário como travesti numa idade mais avançada é humilhante e desonrosamente chamado de “velho vestido de mulher”.

Desejo não tem idade. Como propôs Lacan (2008, p. 370), “a única coisa da qual se pode ser culpado é de ter cedido sobre seu desejo”. É preciso que as pessoas idosas LGBTI+, vivendo plenamente suas identidades sexuais e/ou de gênero ou ainda “no armário”, não se submetam aos limites preconceituosos de idade que lhes são impostos. Em qualquer faixa etária, é indispensável garantir às pessoas LGBTI+ total direito de expressão, sem prazo de validade.

Quatro importantes fatores que influenciam a sexualidade e o bem-estar de pessoas LGBTI+ na velhice, são apresentados a seguir: fobia de envelhecer, a solidão, a falta de dinheiro e a saúde.

FOBIA DE ENVELHECER

Envelhecer é uma contingência natural de quem está vivo. A alternativa a envelhecer não é outra senão morrer. Contudo, por mais natural e objetivo que isso pareça, há quem tema envelhecer e que faça tudo o que está ao alcance para “parecer” que não está envelhecendo, numa espécie de complexo de “Peter Pan”. As pessoas LGBTI+ são, em geral, bastante mais afetadas por essa fobia do que as pessoas em geral. Elas temem não apenas perder a liberdade e as regalias da juventude, mas ficarem com o corpo flácido, o rosto enrugado, os cabelos rarefeitos, enfim, sem atrativos, o que significa não poder mais oferecer nenhuma atração pessoal na concorridíssima corrida pelo sexo.

Conforme as pessoas LGBTI+ envelhecem, começam a ficar limitadas suas chances de participar ativamente dessa comunidade. De um lado, por culpa do próprio universo que privilegia abertamente o fulgor da juventude. De outro, pelas pessoas LGBTI+, que se afastam desse ambiente, recolhendo-se algumas vezes a uma vida mais pacata. É perfeitamente compreensível quando uma pessoa LGBTI+ idosa toma a decisão de se afastar, sem amargura nem ressentimento, do mundo febril da coletividade. O problema é quando se trata de um afastamento forçado, que tem mais sabor de expulsão, de exclusão e marginalização por parte das pessoas LGBTI+ mais jovens. Nesse caso, a amargura toma conta e a vida se torna cheia de tristeza e raiva por se sentir cruelmente alijada do meio.

Sexualidade e afetividade não se alimentam tão somente do vigor e da ousadia da juventude, mas também da experiência, da sensibilidade e da paciência das pessoas mais velhas. Quando cultivadas desde cedo, a vivência e a sabedoria acumuladas da velhice serão sempre páreos respeitáveis para o frescor – e a inexperiência – da juventude.

SOLIDÃO

Nada é mais devastador na vida de alguém do que a solidão. Infelizmente, a vida solitária ainda é uma das marcas registradas da vida de pessoas LGBTI+, especialmente de travestis e transexuais. O resultado disso é que grande parte das pessoas LGBTI+ reconhece, quase como fato trágico e definitivo, que estarão sozinhas ao final da vida. Muitas ainda têm a sorte de contar com a presença e a assistência de parentes próximos, como irmãs, irmãos, sobrinhas e sobrinhos. Mas outras não têm a quem recorrer na velhice e precisam acionar antigas amizades, nem sempre disponíveis.

Tais constatações também podem interferir negativamente nas possibilidades de experimentação e de expressão de sexualidade de uma pessoa idosa LGBTI+, daí a importância de formar e cultivar todas as “redes de proteção” possíveis.

FALTA DE DINHEIRO

Dinheiro é uma questão relevante na velhice, em especial quando se trata de uma pessoa idosa LGBTI+ e sem recursos. Parte da população LGBTI+ enfrenta a indigência financeira na velhice. Embora seja comum entre todas as identidades sexuais e de gênero, ela chega a ser crônica entre pessoas transgêneras. Travestis e transexuais que atuaram como profissionais do sexo em sua juventude, e que não emigraram para países da Europa e/ou casaram-se com homens ricos, acabam na penúria financeira. Vivem do que conseguem “fazendo pista”². Já é uma vitória quando ultrapassam os 35 anos, tendo em vista estimativas a respeito do assassinato de pessoas trans no nosso país.

² “Fazer pista” significa prostituir-se nas ruas e avenidas das cidades

O que acontece com transexuais e travestis que atuam na indústria do sexo e passam dos 35 anos? Quando o corpo não é mais capaz de oferecer um produto atraente para os clientes, elas acabam esquecidas e relegadas, em processo de invisibilização social. Não tendo mais como obter proventos, e sem a necessária formação profissional para disputar vagas no mercado, passam a viver de serviços de limpeza doméstica e da caridade pública.

A situação econômica na velhice tampouco favorece homens e mulheres homossexuais que pertencem às camadas de mais baixa renda da população. Nesse quadro de miséria e abandono, é imperativa a criação de redes de proteção e apoio a pessoas idosas LGBTI+ sem recursos, providência que começa a despontar no Brasil de forma ainda modesta.

SAÚDE

A população LGBTI+ necessita de atenção do poder público por meio de definição e implementação de políticas consistentes de apoio e inclusão, desenvolvidas de acordo com seus recortes raciais, econômicos e educacionais. Entretanto, é na velhice que tal atenção se torna indispensável, sobretudo na área da saúde.

Gays e lésbicas, assim como transexuais e travestis, alegam dificuldades em obter tratamento adequado às suas condições no Sistema Único de Saúde e em ambientes de saúde privada³. Na velhice, as pessoas LGBTI+ podem se sentir constrangidas de reportar suas condições de saúde diante da expectativa de receberem uma assistência moralista e discriminatória.

Os corpos modificados de transexuais e de travestis idosas podem causar ansiedade em profissionais da saúde, que não foram sequer informados de que tais corpos existem e requerem cuidados.

³ Veja o Capítulo 8: "Acesso à saúde"

Pode ser também delicado para um homem homossexual idoso relatar distúrbios que requeiram a intervenção de um proctologista, fazendo com que possíveis dificuldades encontradas na expressão da sexualidade não sejam relatadas ao profissional de saúde, e dessa forma, medidas para vencê-las não sejam tomadas.

Por fim, os estudos sobre sexualidade e gênero têm nos mostrando que as possibilidades de expressão sexual das pessoas não estão inexoravelmente submetidas a uma heterossexualidade compulsória, assim como as identidades de gênero vão muito além do binômio homem-mulher. Ao incorporar e representar no dia a dia essas inúmeras outras possibilidades de ser, a população LGBTI+ é a demonstração viva dessas inúmeras outras existências. Por essa razão mesma, a população LGBTI+ é também objeto de forte preconceito, discriminação, exclusão e violência por parte de grupos conservadores e negacionistas da sociedade.

Porém, o envelhecimento de pessoas LGBTI+ adiciona mais uma camada às tremendas barreiras e dificuldades impostas pela sociedade à vivência plena dessas existências, que ficam assim condenadas a um padecimento ainda maior do que aquele vivido em sua juventude. Questões que normalmente já causam enormes transtornos para as pessoas idosas em geral, como o próprio processo de envelhecimento, a solidão, a falta de dinheiro ou a saúde, atravessam de maneira desproporcional e injusta, as angústias, os medos, os afetos e as alterações corporais de pessoas idosas LGBTI+, diante das desigualdades de acesso à saúde, da falta de oportunidades de formarem e consolidarem círculos familiares e sociais de proteção e da falta de recursos financeiros para levarem uma vida digna e segura.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BORNSTEIN, K.; BERGMAN, S. B. **Gender Outlaws – The Next Generation**. Berkeley: Seal Press, 2010.

LACAN, J. **O Seminário – Livro 7 – A Ética da Psicanálise (1959-1960)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.